



OUTUBRO

2022



Nova Atena
Sabere e Bem-Estar



Vamos Trazer a
Palavra Escrita
aos Nossos Dias!



OUTUBRO

2022

Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!



Nova Atena
Saber e Bem-Esser

ÍNDICE

AUTOR	TÍTULO	PÁGINA
Carlos Baptista	O elogio da preguiça	2
Faustino Vital	Duas árvores assustadas em diálogo	3
Faustino Vital	Seca extrema	4
Graça Cêncio	É tudo uma questão de vontade e de sangue a ferver nas veias	5
Isabel Pernes	Torres Novas/ Porto Campanhã	6
Jerónimo Pamplona	É tudo uma questão de vontade e de sangue a ferver nas veias	7
Jerónimo Pamplona	Querida mãe	8
Jorge Proença	O tempo sem história ou a história sem tempo	9
Luísa Machado Rodrigues	A Rainha	10
Luísa Machado Rodrigues	Guida	11
Mitú Branco	De mansinho	12
Mitú Branco	Mau tempo	13
Mitú Branco	Sonhos, quimeras, fantasias	14
Pilar da Encarnação	Chuva abençoada	15
Pilar da Encarnação	Cirurgia artesanal	16
Teresa Castro Nunes	Fim de tarde. Outubro	17
Vítor Carvalho	Nas voltas do Castelo	18
Guida Santos	O mundo é tão maravilhoso	19



nome

Carlos Baptista

gênero

POESIA PROSA

título

O elogio da preguiça

O ELOGIO DA PREGUIÇA

Sentado numa espreguiçadeira
Na varanda do camarote
Muito ao longe avisto terra,
(ilhas gregas talvez)
Um cargueiro vermelho e um navio de guerra.

O navio desliza devagar
Sobre águas calmas, sob sol morno,
E eu aqui parado saboreando
O “dolce fare niente”
A letargia do lagarto se bronzeando.

Chegou a hora do jantar
Mas estou tão bem nesta cadeira
Não me apetece nada levantar
Ir ao restaurante, ter que escolher
E ter que pensar. Que trabalhadeira!!

Tragam-me a comida,
De preferência já moída
Mastigar é uma canseira
É que eu estou muito preguiçoso
Neste fim de tarde ocioso.



nome

Faustino Vital

género

POESIA PROSA

título

Duas árvores assustadas em diálogo

DUAS ÁRVORES ASSUSTADAS EM DIÁLOGO

(Eucalipto e Pinheiro) - Julho/Agosto de 2022

As chamas altas e rubras são bem visíveis na noite escura ...

- E. Ainda estou assustada
- P. Eu sei. Sinto que ainda estás a tremer e não é só da ventania
- E. E tu, como estás ?
- P. Mal, não me sai da seiva o que se passou nestes dias, em especial no de ontem, e ainda por cima não me posso mexer. Tenho a resina a escorrer por mim abaixo, só do calor
- E. Foi quente, muito quente, não foi ?
- P. Muito. Não me lembro de um dia assim em anos passados
- E. Agora está mais fresco, ainda bem. Gosto deste vento da noite que tem alguma humidade e me agita as folhas lá em cima que vai libertando o meu aroma
- P. Pois sim. O pior é se ele continua amanhã com o calor a subir ... Vê se aprendes com os meus conselhos de mais velho. Já estou aqui muito antes de tu apareceres e nem sem de onde vieste
- E. De longe, de muito longe. Acharam graça eu crescer tão rápido e esgalgada em direcção ao céu, e lá vim eu. Achas que aquele fogo denso que se vê naquele cabeço alto vai chegar aqui ? Coitadas das nossas irmãs que ardem como um pavio
- P. Não sei. Oxalá que não. Tenho nome de homem, mas não sou. Se eu tivesse duas pernas e não agarrado ao chão começava já a correr, só parava dentro de água daquele ribeiro fresco ali ao fundo e não saía de lá até ao mês de Novembro.
- E. Ah ! Se conseguires, posso ir contigo ?



nome

Faustino Vital

género

POESIA PROSA

título

Seca Extrema

SECA EXTREMA

Eu sou,

Terra cansada, bem dorida
Terra mãe, muito sofrida
Aridez só e sem medida
Torrões gretados e soltos
Secura bem angustiada

Vejo nuvens a passar então
Húmidas, e que altas lá vão
Carregam alguma água em si
Mas delas não caem pingos
Que me fariam reviver aqui

Sinto o calor besta apertar
Aragem sufocante a soprar
Ondas de calor sobre mim
Que venha água sem parar
Para o conseguir suportar

Minhas albufeiras onde estão ?
Rios bem frescos p'ra onde vão ?
Gemo com o calor abrasador
Grito alto meu cavo pranto
Não ouve o sol um tal lamento

Este vento suão, mau em légua
Que me afoga sem água
Calor este, estúpido de definir
Que me aperta bem e estrangula
Mesmo sem uma corda existir

Abrem-se sulcos em mim
Alargam-se brechas sem fim
Rasgam-se em fundas negras
Dentro tenho raízes bem duras
Que já se apartam de mim

Estou bem seca, quase morta
Que tempo mais me espera
Serei já poeira fina e solta
Sem humidade que suporta
Minha vida que se recupera

Crucificada já eu estou
Terra arável que já não sou
Não darei mais trigo e papoilas
Alimento que as bocas querem
Avisem-me se de água souberem

Venham então até mim
As noites frescas e cálidas
Mesmo gelo e tempestades
Mas neste tempo inclemente
Ninguém me faz as vontades

Lá vem uma nuvem desgarrada
Anda baixa e gorda, carregada
Deixou cair alguma água breve
Bebi-a rápido, em sofreguidão
Mas a sede não matou, não.



nome

Graça Cêncio

gênero

 POESIA PROSA

título

É tudo uma questão de vontade e de sangue a ferver nas veias

É TUDO UMA QUESTÃO DE VONTADE E DE SANGUE A FERVER NAS VEIAS

Tinha jurado que não voltaria a dar-lhe outra oportunidade. Francisca era jovem, bonita, culta e uma profissional bem sucedida. Lembrava-se bem de como se tinham conhecido. Saía do escritório por volta das vinte e duas horas e subia a Avenida da Liberdade, em passo acelerado, para apanhar o autocarro no Marquês de Pombal. Estava cansada e queria chegar a casa o mais depressa possível. Sentiu um puxão no braço esquerdo e não conseguiu segurar a mala. Ficou paralisada. Nem valia a pena tentar correr atrás do rapaz que se esgueirava com a agilidade de um felino. Mas ele, o desconhecido, não hesitou e facilmente agarrou o fugitivo e recuperou a mala. Nem queria acreditar no que acabava de acontecer. Ainda mal refeita do acontecido, a custo, conseguiu articular umas palavras de agradecimento. O desconhecido disse que se chamava Rodrigo e ofereceu-se para a acompanhar, pois constatava que ela estava abalada. Francisca não conseguiu recusar. Precisava mesmo de companhia. Calmamente caminharam até à paragem do autocarro enquanto conversavam sobre o sucedido. Antes de se despedirem registaram os respectivos contactos telefónicos.

Nessa noite, Francisca teve dificuldade em adormecer. Tinha presente a imagem da fuga do jovem e ainda mais nítida a figura do desconhecido. Era um homem atraente e com uma voz doce. Sentiu que não iria esquecê-lo.

No dia seguinte, quando tomava o pequeno-almoço, no sítio do costume, o telefone tocou. Era o Rodrigo. Desejava saber se ela tinha conseguido descansar e se estava bem. Francisca ficou sensibilizada e, de imediato, perguntou-lhe se estava por perto e se queria fazer-lhe companhia para um café. O convidado não demorou. Conversaram sobre trivialidades e despediram-se com a promessa de se encontrarem para almoçar, um dia.

Almoçaram juntos muitas vezes, jantaram outras tantas, fizeram vários programas e perceberam que queriam mais. Estavam apaixonados. Decidiram viver juntos. Aos poucos, Francisca começou a notar que Rodrigo era ciumento. Ficava mal humorado quando ela tinha jantares profissionais ou quando ia para fora em serviço. Nessas alturas, verificava que ele bebia demais e ficava transtornado. Um dia, em resposta a um reparo de Francisca sobre o seu comportamento, deu-lhe um empurrão que a fez cair e magoar um braço. No dia seguinte, pediu desculpa e prometeu que não voltaria a acontecer. Mas voltou. Uma e outra e mais outras vezes.

Um dia, Francisca cumpriu o que já tinha dito que faria se Rodrigo não mudasse: Saiu de casa.

Rodrigo não desistia de tentar convencê-la a voltar para casa. Francisca aceitou e a relação ficou melhor do que no início. Francisca engravidou e o nascimento do Santiago trouxe uma enorme felicidade.

Quando ela regressou ao trabalho e retomou os compromissos os problemas voltaram. A relação ficou insuportável, mas agora era mais difícil ganhar coragem para partir.

Uma noite aconteceu o inimaginável. O bebé não parava de chorar e Rodrigo, enraivecido, começou a sacudi-lo gritando para que se calasse.

Francisca sentiu o sangue ferver-lhe nas veias. Pegou no filho e bateu com a porta decidida a não voltar a dar-lhe outra oportunidade.



nome

Isabel Pernes

género

 POESIA PROSA

título

Torres Novas/Porto
Campanhã

TORRES NOVAS/PORTO CAMPANHÃ

Eu tinha 10 anos e acabava de fazer a 4ª classe e a admissão ao liceu no liceu de Santarém (onde sempre desejei estudar).

A minha mãe tinha duas irmãs mais velhas uma a morar no Porto. A minha tia Ulmilita tinha-me prometido que se eu ficasse bem em tudo iria ter com ela ao Porto. Aos 10 anos já tinha feito muitas viagens sozinha, mas nunca de comboio.

1º revés - Eu estava na Chamusca em casa dos meus avós (onde fiz a 4ª classe) e teria de apanhar o comboio em Torres Novas - Perdemos o rápido.

2º O comboio que viria a seguir seria um semi-rápido o que significava que teria de fazer transbordo em Coimbra já quase de noite e depois o comboio Coimbra - Porto pararia em todas as estações e apeadeiros.

Estávamos em 1961 e já havia mobilização militar para a guerra e tínhamos perdido a Índia e proliferavam militares (magalas) no comboio quando entrei com duas malas logo um grupo me ajudou com as malas e deram-me um lugar. Começaram a falar comigo e eu comecei a falar e a contar coisas. Admirados de ir sozinha disseram que me ajudariam. Começaram poucos e de repente tinha um regimento à minha volta. Mas começaram a sair a pouco e pouco e em Coimbra fiquei só com um. Claro que me ajudou, foi companheiro. Até Coimbra a viagem não foi má pois o comboio andava.

Em Coimbra fiquei sozinha com o marinheiro que me ajudou com malas e ensinou-me a mudar de comboio. Este era antiquíssimo já na altura daqueles que tinham portas individuais em que a janela era na porta e havia um senhor da CP que dizia “Aos seus lugares” e tocava uma corneta. Lá entrámos num compartimento e o comboio e o senhor da CP repetiam em todas as paragens, que foram muitas, as mesmas coisas. Meu pobre marinheiro com paciência de santo lá me apoiou como pôde, pois, apesar de ser sossegada a aventura já aborrecia e a frase “falta muito?” também. Foram cerca de 4 horas infinitas.

Quando entramos em Campanhã eu só queria ver a minha tia e saltar do comboio o que fiz assim que o meu marinheiro abriu a porta saltei para o colo da minha tia, quando saí vi as malas no chão e não vi o meu marinheiro. Procurei no comboio e na gare, mas apesar de ele ser bem visível por causa da farda não o encontrei mais.

Passaram 60 anos e ainda hoje pergunto a mim mesma se foi o marinheiro que me acompanhou na minha jornada ou um anjo que fez comigo esse percurso.



nome

Jerónimo Pamplona

género

 POESIA PROSA

título

É tudo uma questão de vontade e de sangue a ferver nas veias

“É TUDO UMA QUESTÃO DE VONTADE E DE SANGUE A FERVER NAS VEIAS”

Para fazer valer a nossa vontade com o sangue a ferver nas veias é requerida, para além da coragem, uma personalidade de *“antes quebrar que torcer”*. A expressão deste provérbio poderá ter tido origem numa das cartas de Sá de Miranda (1481 – 1558) enviadas a El-Rei D. João III:

«Homem de um só parecer, / Dum só rosto, uma só fé, / De antes quebrar que torcer, / Ele tudo pode ser. / Mas de corte, homem não é».

Hoje, vamos relatar um episódio que ocorreu em 1972 com o autor destas linhas: Numa sexta-feira, ao fim da tarde, estava no aeroporto de Cabinda, com o check-in já feito, para regressar a Luanda. Uns minutos antes da chamada para o embarque, postaram-se na minha frente dois indivíduos, de fato e gravata, identificando-se como agentes da PIDE, instigaram-me a acompanhá-los! Lembrando-lhes a breve partida do meu avião não se comoveram nem demoveram, mantendo a ordem. E, lá fui com eles no Jipe até ao escritório localizado na cidade a cerca de 4 km. Entrados no escritório, a encenação foi perfeita: aquele que tinha dado as ordens sentou-se no lugar do chefe, mandou-me sentar na frente dele, enquanto que o outro se posicionou em pé do meu lado esquerdo. O interrogatório foi breve: «É casado? Gosta da sua esposa? Tem filhos? Gosta deles?» Face às minhas respostas, todas positivas, veio a intimação! «Então, deixe-se de brincar aos sindicatos. Tá Bem?» Foi assim que acabou a intimidação: meteram-me, de novo, no Jipe e levaram-me até ao avião onde já estavam a bordo todos os passageiros que me lançaram olhares desde a condenação até à comiseração.

Nota: A brincadeira aos sindicatos constava da fundação em Angola de uma filial do Sindicato dos Delegados de Propaganda Médica existente na dita Metrópole.



nome

Jerónimo Pamplona

género

POESIA PROSA

título

Querida Mãe

QUERIDA MÃE

Parece que foi, ainda, ontem.
E já lá vão dezassete anos.
Não me foi fácil fazer o luto!
Hoje vou dizer-te
o que nunca te disse:
só me lembro de me teres castigado
aquando da história do pedreiro do Carrau.
Se fosse o pai a fazê-lo seria pior para mim.
A tua doçura rejeitava todos os conflitos.
Eras sempre a favor do apaziguamento!
Quero também agradecer-te o especial carinho
com que guardavas “aquele salpicão”
que compravas no talho do Cinzas em Montalegre
e dizias: «Isto é para o Gusto quando vier de Lisboa,
para passar as férias grandes».
Também quero lembrar as tuas proibições:
Não me deixavas andar descalço no verão,
como outros meninos o faziam,
nem ir nadar no rio Cávado. Era perigoso!
Hoje, compreendo que só o fazias por amor.
Sabes qual é o destino deste poema?
Vai ser inserido no meu livro: A Vida É Como Um Rio.
Conto-te estas histórias porque sei que vais ficar feliz!



nome

Jorge Proença

género

 POESIA PROSA

título

O tempo sem história ou a história sem tempo

O TEMPO SEM HISTÓRIA OU A HISTÓRIA SEM TEMPO

Hoje pensei escrever sobre o Azerbaijão.

Baku é a capital, uma cidade tranquila, moderna e clássica.

A baixa da cidade parece tirada de Paris, dos bairros com traçado geométrico, assente numa matriz de rosto e simetria contundente e doce. Olhamos para os prédios imensamente bem cuidados e desde logo parece que estamos a ver os grandes carros, arrumados em luxuosas garagens, prontos para à noite mostrarem o glamour dos felizes e orgulhosos possuidores de tão belas máquinas e muito mais belas acompanhantes de luxo e esposas que os seguem rumo aos hotéis de charme, aos espetáculos de topo e aos casinos, onde por vezes num instante se perdem ou ganham fortunas, iates, automóveis ou apartamentos Mas, a vida continua e lá no alto repousam os assersis mortos em combate nas disputas aos arménios, pela posse de Nagorno-Karabakh, visando encontrar rotas de escoamento e fuga, para o petróleo em que a terra é fértil.

Escadarias monumentais, edifícios em forma de chama, com andares incontáveis onde há noite, se projetam e se sucedem os símbolos da pátria azeri, despejando encantamento sobre a baixa da cidade.

Ali, um espaço fantástico com vista sobre o mar, com uma catedral recente, e os montes onde se vislumbram novos hotéis e centros comerciais, cercados de automóveis topo de gama e todos os artigos das marcas mais caras, com os quais não nos atrevemos sequer a sonhar.

Cada edifício público é um hino ao bom gosto, ao uso de formas, cores e materiais que se entrecruzam em arquiteturas supermodernas, recheadas de bom gosto e dólares profanos.

Aí se concentram propriedades de multimilionários, de apoiantes e financiadores do sonho azeri de conquistar terrenos à Arménia, numa lógica de aprofundar as modernas rotas da seda, agora transformadas em cenários de guerra e desencanto, onde as famílias são decepadas dos pais, dos maridos, dos filhos, em nome de uma lógica aprofundada de desgastar o inimigo arménio, que pode reivindicar estrada e pontes, por onde possa atacar, mantendo Baku intacta, impoluta e sofredora, oferecendo ao ocidente o seu lado de passividade calma e de disfrute do belo.

Mas, justiça se faça: a vista é fabulosa da zona alta onde apreciamos o golfo, os arranha céus, o casino, o museu da tapeçaria e os diversos centros comerciais onde o luxo dá cartas e o dinheiro parece não fenecer.



nome

Luísa Machado Rodrigues

género

 POESIA PROSA

título

A Rainha

A RAINHA

Hoje, oito de setembro, o mundo mudou, uma pedra basilar tombou! A Rainha morreu. Aconteceu a sempre surpresa que é a indelével certeza da vida: a morte. Embora perda esperada dada a longevidade de sua Alteza, não deixou a notícia de ser surpresa, ou não seja a morte a tal que não tem hora marcada...

Sucederam-se homenagens sobre homenagens independentemente dos credos de cada um. Estalou o bulício em grande escala, encheram-se ruas de gentes de todos os quadrantes, saudando e chorando a Rainha, figura ímpar com lugar na História mundial. A única para quem dizer Rainha, o título apenas, é por si só sinónimo de Isabel II quando, para qualquer outra rainha, dizer o título não dispensa o nome para que seja identificada.

Decorreram dois dias, hoje, dia dez, ainda mal cumpridas quarenta e oito horas, a mobilização mediática em torno da Rainha tem sido quase a tempo inteiro. Muitos dirão que os encómios próprios do momento são de circunstância, porém, é difícil ignorá-los e não resisti à tentação de registar uma boa parte dos atributos que lhe têm sido tecidos quase unanimemente por pessoas das mais diversificadas frentes, desde o cidadão anónimo a figuras proeminentes do nosso tempo: uma Rainha apaziguadora, com carisma, discreta, eficaz, esteio, irrepreensível, exemplo de dignidade, de ética, de elegância, de humildade, inabalável, incontornável, inspiradora, intemporal, irrepitível, irrepreensível, marco de tranquilidade, moderadora, mulher de dever, pilar de estabilidade, prudente, recatada, símbolo de unidade, sentido de serviço, singular, unificadora.

Olho a Grã-Bretanha, olho o mundo, hoje, dia vinte e dois de setembro, onde estão os apaziguadores com carisma, discretos, eficazes? Onde estão aqueles que são exemplo de dignidade, de ética, de elegância, de humildade? Onde estão os inspiradores, irrepreensíveis, moderadores, pilares de estabilidade, prudentes, símbolos de unidade, com sentido de serviço?

Ocorre-me Shakespeare quando já então terá dito: - *o mundo está desarticulado...*

Até quando?



nome

Luísa Machado Rodrigues

género

POESIA PROSA

título

Guída

GUIDA

Esfuma-se a luz...

Abraço o ontem vivido

A escura noite de hoje

As memórias de amanhã

O sorriso para sempre escondido,

Abraço entusiasmos, iniciativas

Projetos, planos sem fim

Alma inquieta, generosa

De que ficamos cativas,

Abraço a adversidade

A dura e iníqua surpresa

De num ápice nos ser roubada

Rumo ao cofre da saudade,

Abraço o ouro nele guardado

Os ensinamentos seus

As recíprocas experiências

Precioso diamante eternizado,

Abraço a saudosa vivacidade

O seu sólido carácter,

Mais do que tudo

Abraço a sua amizade!



nome

Mítú Branco

género

POESIA PROSA

título

De mansinho

DE MANSINHO

O mar veio de mansinho
molhar-me a roda da saia
Não me chames
Não me acordes
deste sonho
nesta praia
O amor que tu me tinhas
foi-se na água azulada
Afogou-se
Ficou perdido
E eu
com a saia molhada



nome

Mítú Branco

género

POESIA PROSA

título

Mau Tempo

MAU TEMPO

Abro as janelas devagar
As cores saltam apressadas
É o cinzento
É o preto
É o lilás desmaiado
São como o tempo lá fora
Triste
Chuvoso
Enfadado
Abres a porta
e agora
as nuvens são cor-de-rosa
O céu azul é risonho
E tu estás
vermelho ao peito
os braços à minha espera
E lá vamos a voar
no meio de toda a cor
que nos dá o nosso amor.



nome

Mítú Branco

género

POESIA PROSA

título

Sonhos, quimeras,
fantasias

SONHOS, QUIMERAS, FANTASIAS

Atar desgostos e tristezas
num grande laço pálido
desmaiado
Guardar as alegrias e sorrisos
Correr o mundo num galopar
desenfreado
Ter a certeza de só descobrir
que as ondas vão suavemente
rebentar na areia
Que os montes chegam aos céus
se eu estender os braços
Que posso agarrar as nuvens coloridas
como algodão-adoicado
Ver as estrelas a brilhar, amigas
à espera de tornar o céu estrelado
Desejar que numa gruta cheia de luz e de magia
Estás tu
Estão todos os que alegam os meus dias
Eu sei
São sonhos, quimeras, fantasias



nome

Pilar da Encarnação

género

 POESIA PROSA

título

Chuva abençoada

CHUVA ABENÇOADA

Numa certa madrugada do mês passado, bem cedinho, fui acordada por uma melodia que há muito não escutava _ a chuva cantarolava de mansinho sobre os capôs dos carros estacionados na rua. Quando me levantei e espreitei pela janela, os verdes estavam mais verdes e as poças de água acumulavam-se por aqui e por ali. Tudo tinha um ar lavado e fresco. Um vento ligeiro agitava as árvores cujo movimento lembrava um agradecimento à Mãe Natureza por esta chuva há tanto esperada. E tão necessitados que estávamos! As barragens quase vazias, os riachos e os poços completamente secos e os campos onde a vegetação não medrava para desespero dos agricultores e dos seus animais.

Claro que depois de uma seca tão prolongada, esta preciosa chuva não foi suficiente. O calor voltou, bem como as preocupações com a baixa reserva de água. Não é de estranhar essa preocupação quando os cientistas afirmam que cada vez choverá menos na Península Ibérica! E dou por mim a dar maior atenção à água que gasto. O simples gesto de abrir uma torneira, obriga-me a refletir.

Penso na floresta e nos seus habitantes, nos jardins, nas hortas, nas árvores de fruto, nos campos cultivados, nas pastagens que alimentam o gado, nos rios e riachos, lagos e lagoas dos quais todos dependemos; penso na água que, no tempo da abundância, vem pela montanha abaixo saltando alegremente de pedra em pedra e sinto-me cada vez mais próxima e solidária com esta Natureza que sofre tantas e tão grandes transformações .

No tempo em que a água não escasseava, considerámo-la um bem inesgotável; agora mais do que nunca, tomámos consciência de que é um bem precioso e escasso, do qual depende toda a vida na Terra. Por essa razão, cada vez que chove não pode deixar de ser uma CHUVA ABENÇOADA.



nome

Pilar da Encarnação

gênero

 POESIA PROSA

título

Cirurgia artesanal

CIRURGIA ARTESANAL

A senhora Josefa tinha uma boa capoeira de que muito se orgulhava. Era uma dezena de galinhas de raça pedrês, daquelas que têm penas até nas patas e um lindíssimo galo da mesma raça. Boas poedeiras e bem tratadas, permitiam-lhe ter sempre abundância de ovos na despensa.

Um dia, apercebeu-se de que uma das suas galinhas não estava bem. Enquanto as outras devoravam o milho, esta andava por ali debicando preguiçosamente sem manifestar grande interesse pela comida. Passaram-se alguns dias e o problema continuava. A galinha estava certamente muito doente. A senhora Josefa entrou no galinheiro, pegou na galinha e descobriu que ela estava com um papo muito inchado, cheio de algo não digerido. Que coisa estranha! Ela nunca tal tinha visto! Era preciso fazer alguma coisa e, decidida, nem tentou saber os motivos para aquele inchaço pois sabia que se nada fizesse rapidamente, a galinha iria morrer. Então deitou mãos à obra. Amarrou-lhe cuidadosamente as patas, deitou-lhe aguardente pelo bico para que ficasse atordoada, desinfetou a pele junto ao papo bem como a faca que iria utilizar, fez um golpe, tirou o papo, abriu-o, deitou fora o seu conteúdo, (um montão de raízes emaranhadas), cozeu tudo e pincelou com mercurocromo. Por fim, deixou a galinha separada das outras para que não fosse molestada. A doente, ainda meio tonta, lá foi para o seu cantinho.

Passados alguns dias, já comia e bebia normalmente. Algum tempo depois, já na companhia das suas irmãs de raça, recomeçou a pôr ovos. Estes vinham marcados com sinais de mercurocromo.

A cirurgia fora um sucesso!



nome

Teresa Castro Nunes

género

POESIA PROSA

título

Fim de tarde. Outubro.

FIM DE TARDE. OUTUBRO.

Estende os braços. Languidamente. São mornos. São de oiro.

Estende. Abraça. Aquece.

Fim de tarde. Outubro.

Entra-se. Rio acima. Velas brancas acenam matizes.

Dois pilares. Linhas curvas a ligá-los. A unir as margens.

Fim de tarde. Outubro. É de oiro a luz.

E os carros buzina. A fila é densa. A pressa sobeja.

Gritos. Gestos. Impropérios.

As expressões carregam-se. As vontades são más.

Brisa. Carícia. Segredos.

Os olhos fecham-se. O sonho avança. Estremece.

Fim de tarde. Outubro. Outono.

As folhas caem. Vermelhas. Secas.

E dançam em roda. No chão. No ar.

Fim de tarde. Outubro. Ilusão.

Apinham-se as gentes. Enche-se o autocarro.

Corridas. Azáfamas. Impaciências.

Os corpos pesam. As mentes enfadam-se.

O rio. O ouro. A luz.

O sonho estremece. A folha caída.

Fim de tarde. Outubro.

A cidade adormece. O silêncio estremece.



nome

Vitor Carvalho

género

 POESIA PROSA

título

Nas voltas do Castelo

NAS VOLTAS DO CASTELO

Dia de outono que era ainda verão. A visita de amigos brasileiros recomenda um passeio pela cidade, com almoço na Mouraria. Grande azáfama nas encostas do castelo, Tuk-tuks, transeuntes, elétricos, táxis, todos procuram desfrutar dos encantos da cidade. O pesado almoço no Zé aconselha a algum descanso nas andanças do sobe e desce. “Sobrou muita comida, talvez se possa matar a fome a pedintes, levamos o excesso”. Foi breve o caminho de encontro a um pedinte. “Comida, comida, obrigado Mãe, estou cheio de fome, deixe beijar-lhe as mãos”. Pegou no saco que embrulhava o recipiente de plástico e retirou-se para comer. Continuaram a andar até pararem na enorme fila para entrada no castelo.

À volta da estátua maior havia cadeiras de lona espalhadas para turistas descansarem. “Grande novidade esta”, exclamou Lourenço, “é a primeira vez em tantas visitas que já fiz ao castelo que vejo cadeiras de descanso para melhor mirar a cidade!” Sentou-se a experimentar. “Vão andando, que eu fico aqui um pouco”, disse para companheira e amigos. “Já sei como é” disse Evelina, sua companheira de muitos anos, para os amigos. “Vamos nós ver o castelo e ainda o encontraremos aqui a conversar ou a dormir”, rematou.

Um casal de franceses conversava animadamente numa mesa ao lado. Bebiam cerveja, pernas esticadas sobre o muro do castelo, olhando o horizonte, Terreiro do Paço e Ponte 25 de Abril ao fundo. A conversa sacudiu Lourenço para memórias do castelo. “Vou dar uma volta”, concluiu. Rodou em direção poente norte, mirando o casario da cidade. Parou ao olhar para a parte renovada da encosta do castelo, com muitos telhados novos. “Isto mudou muito desde os tempos em que eu vinha para aqui estudar”, concluiu. Chegou a uma mesa junto ao muro, com vista para o Rossio, onde pontuavam os telhados do teatro e da estação de caminho de ferro. “Era aqui que eu estudava na primavera, quando vivia na Graça”, refletiu.

Sentado na mesa de leitura, com um livro de José Saramago, encontrava-se um homem dos seus vinte e cinco anos. Estava sozinho, notoriamente a refletir sobre a página que acabara de ler, mão direita sobre o livro aberto. Tinha um semblante de não europeu, talvez turco, pele ligeiramente escura e cabelo muito preto. Lourenço decidiu interpellá-lo. Falou em inglês, mas logo o interpellado respondeu que podia falar português.

- Peço desculpa de estar a importuná-lo, mas não resisti porque o senhor está a fazer o que eu fiz muitas vezes com a sua idade, aqui neste lugar, estudando e descansando ao mirar o horizonte.

- Não faz mal, eu até gosto de conversar, também estou a estudar. Sou iraniano, chamo-me Arash e estou em Portugal a estudar Literatura Portuguesa, no âmbito de um programa da embaixada.

- Por gosto pela cultura portuguesa ou por formação para carreira diplomática? arriscou Lourenço ao fazer pergunta tão direta.

- Ao estudar cultura portuguesa, em meio português, ficamos preparados para trabalhar em várias embaixadas por esse mundo fora, onde se fala português ou castelhano, respondeu Arash. Além de que eu gosto muito de Portugal, da sua história, das suas marcas de herança muçulmana. E adoro Lisboa, adoro vir ler para aqui numa tarde tão radiosa como a de hoje.

A conversa prosseguiu e nem um nem outro pareciam estar interessados em pôr-lhe fim. Entretanto, o telefone de Lourenço tocou e a sua companheira muito zangada dizia que andavam há meia hora a dar voltas à sua procura.

Lourenço e Arash trocaram cartões de visita e marcaram um outro encontro. Por coincidência viviam ambos no mesmo bairro de Lisboa. “Deve ser um espião iraniano, vamos ver no que isto dá, talvez seja uma forma de melhor conhecer os árabes”, concluiu Lourenço.

(Continua)



nome

Guída Santos

género

 POESIA PROSA

título

O mundo é tão maravilhoso!

Homenagem a Guida Santos

Texto que enviou para o 12º concurso de atividades artísticas e culturais, 2022

O MUNDO É TÃO MARAVILHOSO!

A música dá um certo movimento ao ambiente da casa onde ele se encontra sozinho. É um som não excessivamente marcado que serve de pano de fundo a tudo e a nada, conforme o que lhe vai no pensamento.

As paredes estão repletas de quadros, como ela gosta. Não há vazios porque a vida tem de estar sempre preenchida e palpitante. Ao olhar para as várias telas, imediatamente lhe vêm à memória sítios, cidades ou aldeias distantes, mas que ali quase que ficam próximas. Os verdes de Inglaterra e da Escócia, as árvores gigantescas dos Estados Unidos ou da Dinamarca, os fiordes da Noruega por entre as encostas negras das montanhas, as casas coloridas das ruas de Lisboa com o elétrico amarelo a passar por entre elas, as cottages com telhado de colmo nas aldeias inglesas. E associado a essas imagens, surgem em pensamento as comidas típicas de cada região, desde o pudim de Yorkshire ou o Shepherd's pie ao gulash da Hungria ou da República Checa, desde o salmão dos países nórdicos ao cuscus marroquino, desde ao renque de Dinamarca ao Eisbein e às salchichas alemãs.

E então a música de fundo esvai-se e o que passa a preencher a cabeça dela são os sons melodiosos e apelativos dos altifalantes no cimo dos minaretes das mesquitas a chamar para a oração; é o ritmo das músicas irlandesas nos bares apinhados de gente a cantar e a dançar, ao som do violino, da flauta, da guitarra ou do bandolim; são os sons da música celta de vários países a desfilar dia e noite nas avenidas de Lorient, na Bretanha, durante o grande festival internacional com as gaitas de foles. São ainda os sons que ecoam nas ruas de Edimburgo durante os vários dias do Fringe em que todas as artes acompanhadas por música variada surpreendem os espectadores de rua... Mundos diferentes e todos tão absorventes que cativam e envolvem qualquer um com o seu espírito peculiar.

O mundo é lindo! Já cantava Louis Armstrong What a wonderful word!

Tocam à campainha e tudo se desvanece como num sonho. Ela levanta-se e vai abrir a porta. Que bom! É alguém que a vem visitar! E há algo que perdura no seu pensamento: What a wonderful word!



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Días!

Outubro

2022

Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Días!

NOVA ATENA – UNIVERSIDADE SÉNIOR DE LINDA-A-VELHA
www.novaatena.pt

COORDENAÇÃO Midá Sá-Chaves
DESIGN GRÁFICO Carlos Lopes